

O LeLiS entrevista Bartolomeu¹

Quando, ainda há pouco, conversávamos...

Por quatro anos, convivemos no LeLiS com a obra de Bartolomeu Campos de Queirós. Alguns trabalhos decorreram deste encontro raro entre humanidade, talento e literatura, dentre eles dois seminários da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, alguns cursos de extensão, o *e-book Com a palavra Bartolomeu* e este número especial da revista *Sede de Ler*. Achamos que era tempo de passar do estudo à conversa, uma conversa prazerosa como só a companhia de Bartolomeu poderia proporcionar. Sem sua presença entre nós da forma convencional, decidimos nos valer das outras maneiras, perfeitamente justas: seus textos e a fragrância da memória. Para isso, elaboramos as perguntas desta entrevista cujas respostas foram construídas a partir tanto da transcrição literal quanto da adaptação de alguns escritos em livros e de fragmentos de entrevistas por ele concedidas. É importante ressaltar que os trechos literalmente transcritos não foram indicados com aspas a fim de não se descaracterizar o gênero deste texto.

O resultado dessa “conversa assíncrona”, mas perfeitamente legítima, pode ser lido a seguir. Já as referências de cada uma das respostas encontram-se nas notas de fim do texto.

1 Bartolomeu, como você caracteriza sua descoberta da leitura, o início de sua relação com o ato de ler?

80

Foi lendo que deparei com a paciência das palavras. Deitadas sobre as páginas, rolando sobre os trilhos, ficavam à mercê de minha leitura. Conversavam comigo atenciosamente. Com o livro aberto sobre os joelhos, o longe vinha estar sobre meus olhos; o mais preservado, eu intuía e acreditava participar da intimidade revelada pelo escritor. As metáforas me acolhiam e libertavam ainda mais minha fantasia. Eu visitava lugares que o autor desconhecia. Ler era como pedir emprestado o olhar do escritor, mas não eram minhas as meninas de seus olhos. Jamais vou saber se o azul da fantasia é o mesmo azul para todos (QUEIRÓS, 2007, p. 30).

2 Por que escrever literatura? O que ela representa em sua vida?

O mundo foi escrito em vários alfabetos. Por ser assim, era preciso, de tempo em tempo, descansar o olhar, encarar a noite, cegar-se com o dia e ter vista nova para confrontar-me com minha própria letra que registrava o mundo que duvidava em mim. Ler meus registros era me ver no espelho. Ao se reparar espelhado há sempre a vontade surda de alterar o refletido. Daí, escrever era reescrever, sempre.

A palavra é meu objeto de trabalho. É a palavra que revela o já inscrito em mim. Tenho, pois, que cuidar dela com o respeito necessário pelo viver o dia a dia, pois a mesma palavra que estabelece a verdade é a mesma palavra que configura a mentira. A mesma palavra que fere,

¹ O LeLiS, grupo de pesquisa da UFF cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq), tem como coordenadora a professora Nilma Gonçalves Lacerda e vice-coordenadora a professora Margareth Silva de Mattos, sendo integrado por Bettina Zellner Grieco, Dayane Cabral Leite, Eneide Mesquita, Guilherme Semionato, Inez Helena Muniz Garcia e Maria Beatriz Rezende.

acaricia. A mesma palavra que acusa, perdoa. A mesma palavra que liberta, aprisiona. Daí, indispensável sempre me perguntar se estou configurando um texto libertador ou se ele é apenas um inibitivo. Reconheço que se a escrita não permite voos aos leitores ela não é literária. Quero um texto que tenha ressonância, capaz de provocar ecos, ir além da linha do horizonte. Persigo um texto capaz de ativar a capacidade criativa que existe em todo indivíduo. Meu convite é de que o leitor reflita comigo sobre minhas dúvidas e meu pouco saber e me responda com a sua liberdade. (QUEIRÓS, 2007, p. 30; 2012, p. 73)

3 Que tipo de relação um leitor pode estabelecer com um escritor ao ler um de seus textos? Você concorda com a afirmação de que um livro é diferente para cada leitor que o lê?

Há sempre uma surpreendente e desconhecida riqueza escondida nos textos literários. É que ao fazer-se leitor o sujeito se soma ao escritor e juntos estabelecem uma subjetiva conversa. Desse encontro surge uma terceira obra que restará, para sempre, sem ser escrita. É um diálogo que se configura e jamais ganhará corpo, uma vez que foi conduzido pelo silêncio. Tal situação é inerente à obra literária.

Esse acontecimento resulta da singularidade existente em cada sujeito diante das emoções do mundo. À medida que a obra é construída a partir de uma experiência particular do escritor, ela possibilita a cada fruidor inaugurar, por meio dela, a sua diferença. Equilibrando-se entre a originalidade da forma e do conteúdo, o texto assusta e encanta o leitor ao derramar luz sobre o que andava obscuro. É uma tênue claridade capaz tanto de velar como de revelar. (QUEIRÓS, 2005, p. 5)

4 Qual o lugar da tradição na sua literatura? Como romper conscientemente com ela?

Não há como perceber o rompimento com o cotidiano da linguagem, construindo algo relevante e original, se desconhecemos a tradição. É necessário informar-se sobre o percurso pensado, vivido e realizado por outros para se ter a garantia da singularidade do nosso exercício de agora. Para abriremos diferentes caminhos há que se reconhecer a distância já vencida. Pela posse da tradição operamos transformações conscientes, sem acasos ou repetições. (QUEIRÓS, 2006, p. 5)

5 Em muitos de seus textos, é possível identificar claramente a inscrição da criança como leitor preferencial. Isso é deliberado? Você escreve pensando em um público leitor específico?

Não escrevo “para” crianças. Minha limitação é maior que o mundo e não possuo a ousadia – ou coragem –, ao chegar em casa, de puxar uma cadeira e dizer: “Vou escrever mais uma história para as criancinhas”. Não sei fazer texto de autoajuda nem sou suficientemente generoso para ficar me envaidecendo com minhas faltas. Não sou parâmetro para coisa alguma. Escrevo pelo prazer de escrever e falo o melhor de mim nesse gesto. Se meu texto é eleito pela criança, me sinto realizado pelo que há de honesto na infância. Cresci lendo paredes da casa de meu avô. Ele nunca escreveu para os seus netinhos. Ele escrevia para não deixar morrer os fatos de uma cidade que ele amava. E nós líamos e entendíamos tudo, de acordo com as nossas possibilidades, como todo leitor. Sei também que a literatura é um rompimento com o cotidiano da linguagem, e isso só existe quando o texto abre espaço para a reflexão. A arte, e no caso a literatura, é para criar o desequilíbrio, buscar outro prumo, e não botar pano quente em inquietações mornas. Daí eu

não estar interessado em escrever aquilo que as crianças querem. Isso não acrescentaria nada em termos de intuição poética. Espantam-me as pessoas capazes de traçar cânones, normas, ensinando como construir um texto para os “pequenos” – muito diálogo, muita ação, frases curtas, sem esquecer o humor. Nada de tristeza. Se sabem tanto como deve ser o livro, desconhecem o processo da criação literária. Deviam escrever, e não ficar perdendo tempo em dar ideias. É muito sacrifício. (QUEIRÓS, 2012, p. 80-81)

6 Partindo da premissa de que a literatura de qualidade não se preocupa em estabelecer fronteiras que determinem sua fruição por faixas etárias, como você vê o seu reconhecimento pelo público como um autor de literatura infantojuvenil?

Comecei a escrever pelo prazer de escrever, nunca fiz uma proposta de trabalho para criança, isso é uma coisa bem clara para mim. Eu sempre preferi achar a criança muito inteligente. Henriqueta Lisboa também me deu uma pista muito grande para o meu trabalho, quando disse que a natureza era também muito sábia e a natureza nunca tinha feito uma árvore para adulto e uma árvore para a criança. Eu comecei a pensar que a literatura para a criança era uma literatura que permitisse também às crianças um outro nível de interpretação, mas que o adulto pudesse se aninhar naquele texto, da sua maneira também, e que a literatura infantil seria para mim apenas uma questão de criar níveis de leitura. A criança, na minha observação, tem sempre esse silêncio, e é um silêncio no qual ela está repleta de liberdade, no qual ela estabelece o jogo, no qual ela estabelece a inventividade, no qual ela faz a criação. E, quando penso quais são os elementos que estabelecem a arte, sempre respondo que os elementos que estabelecem a arte são os mesmos que estabelecem a infância. (QUEIRÓS, 2012, p. 55-58)

7 Em alguns dos seus livros, o jogo com as palavras estrutura uma narrativa lúdica, criando uma atmosfera de brincadeira em que o uso farto de imagens e metáforas, além de permitir vários níveis para a produção de sentidos, introduz o leitor no gosto pela poesia. Como você vê o interesse das crianças pela poesia?

As crianças gostam sim de poesia. É preciso saber apresentar a poesia para elas. A poesia é um texto contido, econômico, com bastante abertura para o leitor apreciar seus tantos sentidos. Depois a criança gosta do jogo com as palavras, das rimas, do inusitado. A criança é um ser aberto para o mundo. O que não podemos ter é um conceito de criança. Cada criança é um conceito. Algumas podem gostar de poesia e outras de mistério. O importante é gostar de algum estilo. É preciso descobrir.

8 Em um mundo cada vez mais informatizado e dependente dos aparatos tecnológicos que se aperfeiçoam em uma velocidade surpreendente, as pessoas buscam cada vez mais as redes sociais como lugar preferencial de sociabilidade e de acesso à informação (nem sempre confiável). Nesse universo virtual dominante ainda há lugar para a biblioteca escolar? Que lugar seria esse?

Não se nega o avanço da tecnologia em nossos dias. Os acontecimentos do mundo estão presentes em nossa casa, continuamente. O outro lado do mundo nos visita instantaneamente. A comunicação ganha proporções inimagináveis. O mundo perde em tamanho diante das possibilidades inventivas dos humanos. Somos surpreendidos a cada instante com novas descobertas. Mas nunca os nossos valores humanos foram tão desrespeitados, vulgarizados. Ganhamos em tecnologias e perdemos em convivência, fraternidade, compaixão. E o amor pelo

outro vai sendo trocado pelo medo – de o outro nos agredir, nos ultrapassar, nos vencer. O outro passa a ser o objeto de competição.

Daí a biblioteca ser o coração da escola. Nela estão guardados o vivido e o sonhado. Ali todo conhecimento do homem está abrigado. Desde o que o humano realizou o que ainda sonha realizar. Conceitos, perguntas, dúvidas, medo, anseios, fantasias, tudo está à disposição do leitor. Tudo está em aberto, aguardando novas respostas, novas propostas de mundo, alternativas de relações, ricas condições de convivência, diferentes histórias, outros olhares sobre o mundo. É pelos livros que nos reconhecemos como “outro”, singular e, ao mesmo tempo, parte de uma comunidade que só se enriquece pela soma das diferenças.

Cabe também aos bibliotecários trabalhar para fazer circular a obra literária. Seu ofício técnico é indispensável, mas, em verdade, o livro clama por leitores. Também aos profissionais da biblioteca é necessário tornar o livro um objeto de desejo. Daí, é inerente ao bibliotecário ser leitor, conhecer o acervo e divulgá-lo, criar situações para que a biblioteca saia de seu espaço específico e venha morar nos corredores, nas salas de aula, em todos os lugares disponíveis.(QUEIRÓS, 2012, p. 96-97)

9 Em sua opinião, o que poderia melhorar o cenário da educação brasileira, especialmente no que diz respeito ao papel da literatura?

A educação vai melhorar na medida em que praticar a liberdade de permitir ao aluno a prática da fantasia. Todo o real é uma fantasia que ganhou corpo. Permitir a liberdade ao aluno para instalar sua fantasia concorre para o movimento do mundo, para a inauguração de novos produtos e propostas.

No mundo de hoje, em que a ética está ignorada, a violência instalada, a corrupção aplaudida, os direitos humanos ultrajados, a segurança ameaçada, é impossível acreditar que somente a matemática e o português vão resgatar a dignidade perdida. É ingenuidade ou acomodação desconhecer as dimensões educativas da literatura. A escola não pode ser sinônimo de contenção da sociedade. Cabe à escola tomar o mundo como espaço de reflexão, de crítica, de criação. Feita de fantasia, a literatura convida os leitores a voar.

10 O que você entende por memória e qual seria a relação da memória com a literatura?

O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar. O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. Isso é o que há de mais importante para mim na literatura.(QUEIRÓS, 2012)

11 Agora, vamos à vida, à matéria de que somos feitos. Segundo a poesia que nutre o senso comum, a “saudade dos meus oito anos” deve ser uma tônica na vida adulta, reclamada a infância como doce perda irreversível. Pinte a felicidade na infância do menino que você foi.

Declamada nas festas da escola, escrita nos livros de poesias, ensinada nas aulas de religião estava a felicidade das crianças. Falavam de nossos corações inocentes, de nossa alegria divina, e lamentavam que a infância não voltasse jamais. Eu, como criança e mediante a tudo, estava condenado a ser feliz a qualquer preço. E para que me tornasse um adulto ainda mais repleto

de felicidade, me negavam, me castigavam, me obrigavam a tomar os adultos como meus filhos. Nesse tempo, eu me equilibrava entre a nostalgia de ter nascido e o medo da morte. Conceito que conservo até hoje, com meus aproximados 500 anos. (QUEIRÓS, 1983, p.23-29)

12 Você afirma que na sua infância não havia apreço especial pelos elefantes, pois eles o “intrigavam quando dizia-se que viviam 400 anos. Era vida demais para caber dentro de [sua] cabeça”. Adulto, você constrói duas obras primorosas em que o elefante desempenha papel principal. O elefante passou, então, a ser matéria de sonho, e de que mais?

No sonho, a liberdade voa com mais asas. Ele entrou no meu sonho, sem pedir licença. Estendi a mão, e meu mínimo amigo subiu na palma. Aproximei meus olhos e vi na mão um elefantinho, tão pequetinho que com um simples sopro eu poderia assustá-lo. Prendi a respiração para não sufocar tamanha delicadeza.

Ele me parecia fatigado e se aconchegou entre as linhas que escreviam meu destino, na palma da minha mão. Linhas que só as ciganas diziam ler. Um medo morno suspirou em mim: medo de o elefante decifrar minhas linhas, desfazer meus novelos, desamarrar meu nós. Eu sempre me escondo atrás de minhas redes. (QUEIRÓS, 2013)

13 Impossível não pensar em Saint-Exupéry e *O pequeno príncipe* ao ler *Isso não é um elefante*. Lá está: “Você pode não acreditar, mas isso não é um elefante. É uma formiga vestida de elefante”. O autor adulto não esconde a criança, a sensibilidade ímpar do olhar da infância, que não é de todo inocente. O aparente nonsense dessa obra, que tem ótimas ilustrações de Ivan Zigg, parece ser o guardião das muitas camadas de leitura possíveis oferecidas por esse livro. O que você diria sobre isso?

É que certa vez no reino da literatura, em que até o mais absurdo é possível, uma formiga, faminta e feroz, vagava sem destino. Foi assim: a formiga, um dia, cansada de ser operária, viver debaixo da terra, armazenando folhas e restos de baratas secas, fugiu montada em um grilo. Agora a formiga longe de casa, esfomeada, fraca e farta de fome fuçava todos os cantos, cheirava todos os entulhos. Zanzava de um lugar para outro.

Por sorte, passou um elefante. Elegante e arrogante, andava com passos lentos, jogando a tromba, de cá-para-lá e de lá-para-cá, beijando o ar. Pisava forte como um dinossauro, com suas duas toneladas de carne enrolada em uma pele parecida com papelão enrugado.

Sem pressa, o paquiderme não ia a lugar algum. Passeava, vagabundava, viajava feliz com a alma gorda dentro de um corpo obeso.

– Maior que eu só o céu e o mar – vaidoso ele pensava.

A formiga esganada, com a alma espremida dentro de um corpo esmirrado, pensou e se perguntou:

– Como ou não como esse monstro vaidoso? – pensou e decidiu devorá-lo. Sabia que a fome traz fraqueza, mas dá coragem e força. Lambeu os lábios, abriu bem a boca e... engoliu o animal de uma vez só. (QUEIRÓS, 2009)

14 Agora, para terminarmos nossa conversa, que palavras você diria aos professores que buscam suas ousadias perdidas nas lutas diárias e que procuram recuperar a energia que os trouxe à Educação?

Para bem criar passarinho é proveitoso ignorar as grades, as prisões, as teias. É bom se desfazer das paredes, cercas, muros e soltar-se, deixar-se vagar entre perfume e brisa. É melhor ainda não dispor de trilhas ou veredas e ter o ar inteiro como um espaço pequeno para a leveza das asas. (QUEIRÓS, 2009)

Ao longo do processo de elaboração deste diálogo, nos transportamos para as nossas reuniões na sala do PROALE, imaginando como teria sido receber lá nosso querido Bartolomeu. Certamente nossa conversa teria versado sobre temas como leitura, escrita, livros, literatura, educação, arte, vida, enquanto estivéssemos mordiscando bolos e biscoitos entre cafés, sorrisos, risadas. Imaginávamos, e Bartolomeu, presente entre nós, ria da peça que a imaginação nos pregava.

REFERÊNCIA

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. A literatura é feita de fantasia. Tudo o que penso posso escrever. In: **Revista Palavra**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 16, jul. 2012.

_____. ...das saudades que não tenho. In: ABRAMOVICH, Fanny (Org.). **O mito da infância feliz: antologia**. São Paulo: Summus Editora, 1983

_____. **Elefante**. Ilustrações de 9LI. São Paulo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Isso não é um elefante**. Ilustrações de Ivan Zigg. Belo Horizonte: Abacatte, 2009.

_____. In: VIEIRA, A. **Os olhos de Ana Marta**. São Paulo: Edições SM, 2005.

_____. **Para criar passarinho**. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Para ler em silêncio**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2007

_____. Prefácio. In: OSÓRIO, A. de C. **Branca-Flor e outros contos**. São Paulo: Peirópolis, 2006.

_____. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Organização de Júlio Abreu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.